

Negociação envolve reforma partidária

LUCIANO SUASSUNA

Na noite de terça-feira, a economista Zélia Cardoso de Mello, coordenadora do programa econômico do PRN, encontrou, por acaso, o presidente do PMDB, Jarbas Vasconcellos, no saguão do Hotel Nacional, em Brasília. Numa situação natural, para quem está empenhado em traçar alianças à esquerda para o segundo turno da disputa, a economista tentou o diálogo. "Vamos conversar depois do segundo turno", desculpou-se Jarbas. Na tarde daquele dia, numa reunião que contou com a presença dos governadores Miguel Arraes, de Pernambuco, e Moreira Franco, do Rio de Janeiro, a direção do PMDB havia decidido ficar com o que chamou de "candidato progressista" — Luiz Inácio Lula da Silva ou Leonel Brizola, dependendo dos resultados, até então incertos.

Poucas horas depois deste diálogo, Moreira Franco, um brizolista em potencial ou um petista de ocasião, de acordo com a decisão das urnas, recebia, numa mesa do restaurante Florentino, onde jantava em companhia de assessores, um aperto de mão de Ronaldo Caiado, o candidato derrotado do PSD. Entre ambos houve algum diálogo.

Na sua residência, num terceiro ponto de Brasília, o candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, identificava naquela hora o resultado da confusão política gerada pela introdução do segundo turno na eleição brasileira. "Vai ser inevitável uma reforma partidária", afirmou Collor, numa conversa com o líder do PRN na Câmara, Renan Calheiros. A previsão do vencedor no primeiro turno da eleição diagnostica apenas a situação de uma estrutura partidária que começou a ruir durante os trabalhos da Constituinte e que promete chegar ao final, junto com o segundo turno da disputa presidencial.

No maior partido do País, o PMDB, as negociações do segundo turno comprovam a tese de Collor. Amanhã, quando o partido deve reunir sua executiva em Brasília para divulgar um documento em favor da "candidatura progressista", ficará entendido que os moderados devem procurar outro caminho, fora da legenda. "Se o segundo turno não servir para eles saírem, alguma coisa estará errada", afirma o prefeito de Cuiabá, Dante de Oliveira.

Ontem, Dante de Oliveira chegou ao Centro de Convenções de Brasília, onde é feita a apuração oficial do TSE, acompanhado pelo deputado Domingos Leonelli (PSB-BA), que está engajado na frente que apóia Luiz Inácio Lula da Silva. "Se o Robertão for apoiar o Lula, quem sai do partido sou eu", prometia, em tom de gozação, o prefeito de Cuiabá, referindo-se ao ministro Roberto Cardoso Alves, do Desenvolvimento In-

dustrial, que integra a facção moderada do PMDB.

MODERNO E ARCAICO

Com a definição das candidaturas que vão para o segundo turno, as lideranças políticas procuravam ontem apenas começar o diálogo que vai desembocar em compromissos, dentro de uma semana. Fernando Collor, por exemplo, reúne todos os coordenadores estaduais e os parlamentares e políticos ligados a sua candidatura, amanhã no comitê central, em Brasília, para definir novos rumos. Ele quer redirecionar sua campanha para superar uma barreira de preconceitos que também atinge seu adversário.

O PT de Lula imaginou um discurso que o classificaria de "candidato dos pobres" contra o "candidato dos ricos". A idéia foi abandonada, depois de se constatar que o partido precisaria fazer alianças com "ricos" do PMDB ou do PSDB para vencer o segundo turno.

O PT pretende agora mudar o discurso para mostrar que a disputa nesta etapa será feita entre um candidato progressista, de esquerda, contra um candidato que seria de direita. Fernando Collor de Mello tem conhecimento do risco que isto pode representar para a sua candidatura e prepara uma resposta — com o seu programa de reformas de cunho social-democrata, o PRN acha que a disputa será entre o moderno e o arcaico, entre o novo e velho. Quatro anos mais idoso que o seu adversário do PRN, Lula pode chegar ao segundo turno com uma candidatura envelhecida por apoios como o de Miguel Arraes, Ulysses Guimarães ou Moreira Franco, por exemplo.

Além de representarem uma parcela do governo José Sarney, estes governadores podem até atrapalhar a candidatura do PT, em função da sua impopularidade. "O apoio será bem recebido", afirma Domingo Leonelli. "Mas eles podiam deixar de lado a máquina do governo", completa Dante.

Com a urgência de uma campanha de 30 dias, as negociações do segundo turno criam problemas para a imagem dos candidatos. Se aceitar o apoio do PMDB, mesmo o dos mais progressistas governadores do partido, Lula corre o risco de chegar ao segundo turno manchado pela impopularidade de quem trabalhou pelo mandato de cinco anos para o presidente Sarney. De olho nesta possibilidade, Fernando Collor de Mello tenta agora recuperar a imagem progressista que adquiriu quando se tornou o único governador a defender o mandato de quatro anos.

No jogo político que se arma para os próximos trinta dias da campanha, a disputa ideológica promete ser superada pela realidade das adesões. "Se esquerda é defender o socialismo, eu não sou de esquerda", afirma, por exemplo, a economista Zélia Cardoso de Mello. "Mas se esquerda é ter um programa que prevê justiça social e redistribuição de renda, a campanha do PRN é de esquerda."



Os articuladores de uma nova imagem

Na busca de um perfil social-democrata para a sua candidatura, Fernando Collor de Mello, do PRN, designou dois antigos simpatizantes de idéias marxistas para conquistar apoios à esquerda, vencer a disputa e montar um governo de face progressista.

O líder do PRN na Câmara, Renan Calheiros, se elegeu com votos do PCB e do PC do B e ajudou a fundar o PSDB. Um dos mais frequentes interlocutores de Collor, Calheiros já iniciou contatos com representantes de diversos partidos. Aposta num novo

partido. Professora de economia da Universidade de São Paulo, Zélia Cardoso de Mello está encarregada, nas negociações do segundo turno, de ganhar adeptos do programa de governo do PRN. Na época do Plano Cruzado, trabalhava no Ministério da Fazenda, onde conheceu Collor.